



“NÃO FECHÉ OS OLHOS PARA MIM”: RELATO ETNOGRÁFICO REALIZADO COM A COMUNIDADE CÁLON EM SOUSA/PB

Renaly Arruda de Sousa (1); Myria Juscilânia Maraco Silva (1); Maria Elizangela Batista Andrade (2); Nathália Carvalho da Silva (3); Francisca de Paula Soares Ferreira e Ferreira (4)

Universidade Federal de Campina Grande; renalyasousa@gmail.com

Resumo: A origem do povo cigano ainda é tida como misteriosa, tendo em vista que estas são pessoas que não prezam, ou simplesmente não se preocupam, por cultivar uma memória escrita da sua história. Devido o constante aumento do processo de modernização e crescimento urbano, juntamente com a face estereotipada que recebem diante da sociedade, os ciganos com o tempo vieram a diminuir suas andanças, pois estas não estavam mais trazendo benefícios e só proporcionavam cansaço e desgasto tanto físico como emocional, e começaram cada vez mais a procurar locais fixos para se alocar. Mais especificamente na Paraíba, a maior concentração de ciganos é encontrada em Sousa, no interior do Estado. O presente relato etnográfico tem por finalidade descrever e incitar problemáticas sobre uma visita de campo realizada por alunas do curso de psicologia da Universidade Federal de Campina Grande, na comunidade cigana “Calon” situado no município de Sousa-PB. **OBJETIVO:** Este trabalho é um estudo descritivo que tem por objetivo coletar dados para descrever um pouco da cultura da comunidade cigana Calon em Sousa/PB, através de uma experiência etnográfica assim como criar espaços de diálogo entre os não ciganos sobre tal povo como forma de quebrar os paradigmas que possam existir e reafirmar a gama de riquezas e aprendizados que foram construídos ao longo do trabalho. **JUSTIFICATIVA:** A realização desse trabalho tendo em vista a pouca abordagem do tema nos debates sociais derivando a falta de informações suficientes para a compreensão e inclusão do grupo cigano na sociedade, em específico o grupo Calon, o que causa preconceito, discriminação e até intolerância por parte da população. **METODOLOGIA:** Utilizou-se o método etnográfico combinado com a observação participante com a finalidade de melhor conhecer o estilo de vida ou a cultura específica da mesma.

Palavras-chave: Relato Etnográfico; Ciganos; Comunidade Calon

INTRODUÇÃO

Para início da descrição, nos vemos na necessidade de buscar um pouco mais da história do povo cigano, mesmo que escassa, e nos colocarmos na posição de mediadoras para transmitir e relatar aqui um pouco dessa história em geral, através de pesquisas e leituras bibliográficas, para só então nos aprofundarmos especificamente na comunidade Calon, e desenvolver assim uma melhor compreensão e acompanhamento dos fatos ao longo da nossa narrativa.

A origem do povo cigano ainda é tida como misteriosa, tendo em vista que estas são pessoas que não prezam, ou simplesmente não se preocupam por cultivar uma memória escrita da sua história, mas estudos apontam que os ciganos provavelmente apareceram pela primeira vez

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



na Europa no século XV, onde se apresentaram como peregrinos e leitores da sorte; são descritos enquanto viajantes exóticos, de pele escura, liderados por homens que se intitulavam condes, príncipes e capitães. Durante o século XVI, no entanto, a Igreja Católica, assim como os protestantes e calvinistas, passaram a perseguir cruelmente os ciganos. Para a sociedade envolvente uma das maneiras de lidar com estas pessoas implicava em classificá-las como marginais, e por isso merecedoras de castigos. Por esta razão, instauraram-se práticas que permitiram se livrar destas pessoas, porque não tinham lugar fixo, documentos, trabalho e nem reivindicavam uma história distintiva e oficial – e que por isto incomodavam tanto – foi o exílio para outros países a solução, a fim de livrarem-se de uma vez por todas deste “problema”.

No Brasil, não há relatos oficiais de como os ciganos se estabeleceram. Há hipóteses de que sua chegada foi por meio de expedições que vinham da Europa, e ao longo do tempo eles foram se estabelecendo em terras brasileiras. É muito difícil falar do povo cigano, pois como um povo que não conserva documentos escritos, e vivem no nomadismo, não há como saber de onde eles vieram, suas práticas sociais, seus costumes, identidade, etc. Eles conservam sua memória através da fala entre eles. Dessa maneira, os ciganos sempre foram vistos pela sociedade em geral como intrusos, ladrões, vagabundos, etc. Aquilo que se entende no senso comum por ciganos foi elaborado e socializado por projeções estereotipadas, em que essencializa uma concepção de cigano estabelecida na história, onde se projeta um cigano por excelência “nômade”. No entanto, os muitos fluxos migratórios dos ciganos, se deveram, em muitos casos, à perseguição étnica, a insegurança, conflitos pela presença em um lugar, a não aceitação por parte da população abrangente da convivência com estes, de forma que o nomadismo se instaura numa prática não necessariamente pelo simples desejo de se viajar e sim, como uma resposta quase obrigatória. (MEDEIROS, 2014)

Logo, percebe-se que a prática nômade sempre construiu enquanto uma imposição e não uma escolha. Porém, isso não quer dizer que não tenha se tornado um caminho positivo, que marcou a trajetória desses grupos ciganos, visto que os registros de deslocamentos constantes destes são resultado da falta de receptividade por parte dos não-ciganos. O desenvolvimento histórico dos assentamentos nas formas urbanas terminou os obrigando a se retirarem das cidades, indicando indivíduos e grupos que não estavam aptos ao convívio dos muros dos feudos e dos espaços sociais regrados. A estes se destinavam os papéis e, talvez, as práticas, de ladrões, enganadores, descrentes,



desordeiros, pois é assim que os ciganos são percebidos como incapazes de usar as oportunidades disponíveis para o progresso nos vários caminhos aprovados pela sociedade, e são acusados de não responderem aos esquemas sociais impostos pela sociedade (GOFFMAN, 1988).

Na Paraíba, a maior concentração de ciganos é encontrada em Sousa, no interior do Estado, no sertão do Alto Piranhas, a 430 km da capital João Pessoa. Segundo Figueiredo (2012), por volta do ano de 1910 viviam uma turma de ciganos, aproximadamente 500 pessoas; esse povo viajava do estado do Ceará ao estado da Paraíba por serem um povo muito católico, viviam no vale do Cariri, terra de Padre Cícero. Neste sentido a relação que eles firmam com Sousa se iniciam muito antes de sua chegada para morar em 1982, que foi o período indicado onde os ciganos passaram a residir. Sousa portanto, como em outras cidades da Paraíba, conservava as relações que os chefes dos grupos mantinham com o lugar por onde passavam e estavam baseadas muitas vezes em relações políticas com pessoas de influência na cidade, eram coronéis, políticos e fazendeiros, grandes comerciantes, onde negociavam sua estadia na cidade por meio de uma mediação que o chefe realizava entre os ciganos e a sociedade envolvente. A cidade sempre esteve na rota de parada do grupo, sobretudo pelo fato de que ali se tinha ajuda, confiança, apoio e proteção.

Devido o constante aumento do processo de modernização e crescimento urbano, juntamente com a face estereotipada que recebem diante da sociedade, os ciganos com o tempo vieram a diminuir suas andanças, pois estas não estavam mais trazendo benefícios e só proporcionavam cansaço e desgasto tanto físico como emocional, e começaram cada vez mais a procurar locais fixos para se alocar. No caso dos ciganos de Sousa, devido a influência política que os coronéis mantinham com os representantes da cidade, o prefeito da época disponibilizou um terreno para o grupo se fixar, que posteriormente chamaram de ranchos. Na periferia da cidade, cerca de 3000 ciganos habitam em três ranchos no Jardim Sorrilândia, na altura do Km 463 da BR-230, a 3 km do centro de Sousa. Os ranchos A e B são vizinhos, situados logo atrás da Escola Agrotécnica Federal de Sousa e da Escola Estadual de 1º Grau Celso Mariz; o rancho C fica acerca de um quilômetro de distância, junto ao Parque de Exposição de Animais. No meio existem algumas casas isoladas habitadas por ciganos e várias casas de não-ciganos pobres (MOONEN, 2011). Entretanto, colocá-los numa chave de fixos ou sedentários é algo bastante complexo, pois a mobilidade continua, mas agora num aspecto mais cíclico que implica na ida e a volta para



um lugar de referência, por isso preferimos utilizar o termo “alocados” para esta comunidade. Após se fixarem nos ranchos, os ciganos começaram a receber reconhecimento do poder público, que deu-lhes o direito de ter um dia reconhecido nacionalmente como dia do cigano, o dia 24 de maio.

Observa-se o quanto o povo cigano é excluído por parte dos não-ciganos, de certa forma muitos não os reconhecem como indivíduos pertencentes da sociedade, e isso implica um ambiente um tanto excludente tanto pela maneira pelo qual eles levam suas vidas distintas dos demais que ali residem assim como as normas sociais que os mesmos tanto prezam. Tal preconceito só reafirma o ato de não aceitação desses sujeitos, negligenciando assim a alteridade, sendo essa um fator que torna-se necessário para nos distinguirmos uns dos outros, como fala Hannah Arendt (2007), no homem, a alteridade que ele tem em comum com tudo o que existe, e a distinção, que ele partilha com tudo o que vive.

Este trabalho é um estudo descritivo que tem por objetivo coletar dados para descrever um pouco da cultura da comunidade cigana Cálon em Sousa/PB, através de uma experiência etnográfica assim como criar espaços de diálogo entre os não ciganos sobre tal povo como forma de quebrar os paradigmas que possam existir e reafirmar a gama de riquezas e aprendizados que foram construídos ao longo do trabalho.

Justifica-se a realização desse trabalho tendo em vista a pouca abordagem do tema nos debates sociais derivando a falta de informações suficientes para a compreensão e inclusão do grupo cigano na sociedade, em específico o grupo Calon, o que causa preconceito, discriminação e até intolerância por parte da população.

METODOLOGIA

Para realização desse trabalho utilizou-se o método etnográfico combinado com a observação participante. O método etnográfico consiste no levantamento de todos os dados possíveis sobre uma determinada comunidade com a finalidade de melhor conhecer o estilo de vida ou a cultura específica da mesma. Tal método tem como lócus privilegiado a Antropologia Social, exatamente porque nesta disciplina encontra-se a origem do mesmo, sendo que, hodiernamente, quando se fala em estudos de cultura, nesta área de conhecimento, inevitavelmente, fala-se em método etnográfico, fazendo com que as discussões mais



aprofundadas acerca do mesmo aí se concentrem.

Para Georges Lapassade (2001), a expressão “observação participante” tende a designar o trabalho de campo no seu conjunto, desde a chegada do investigador ao campo da investigação, quando inicia as negociações que lhe darão acesso a ele, até ao momento em o abandona, depois de uma estada longa. Enquanto presentes, os observadores imergirão pessoalmente na vida dos locais, partilhando as suas experiências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em princípio quando recebemos o desafio de realizar um estudo etnográfico, pensamos que grupo e esfera da sociedade poderíamos estudar, conhecer; veio-nos a mente um estudo de caso com os Ciganos alocados em Sousa. Sendo assim, partimos para a cidade de Sousa para realização do trabalho de campo. No primeiro dia de visita fomos ao Rancho de baixo, recebendo assim o apoio de uma assistente social e que reside a cidade e já havia visitado os ranchos, tendo proximidade e conhecimento com eles. Sendo assim de longe avistamos uma comunidade rústica e com uma característica importante e própria deles, o aspecto natural. Inicialmente o mistério permanecia e não sabíamos se a nossa presença seria bem aceita. Entrando na comunidade os nossos olhos se encheram de informações intensas, nos apresentamos como alunas de psicologia da UFCG, logo ouvimos as mulheres gritando “Juri, chegou Juri”; perguntamos pelo coronel a estas mulheres que estavam em sua varanda e nos informaram que poderíamos entrar na casa indicada.

Continuamos entrando na comunidade, pudemos ver um cenário de total omissão por parte dos órgãos públicos e conseqüentemente do cumprimento de necessidades básicas (esgoto a céu aberto, valas, lixo exposto, falta de pavimentação e calçamento). Fomos convidadas entrar na casa do referido Coronel, sendo assim os surpreendemos com tamanha receptividade, deste modo fomos chamadas a ir conversar com ele na varanda, demonstrando estar impressionado com o nosso interesse, afirmando que eles são esquecidos e marginalizados sem o mínimo de iniciativa, projetos de divulgação e valorização da sua cultura.

Relacionado à questão homo afetiva no Rancho de baixo afirma não aceitar essa prática, bem como o uso de drogas ilícitas; já para o Rancho de cima se por um acaso um cigano optar por uma relação homo afetiva tem que



aceitar, porém até o momento deste trabalho não teria registros e quanto ao uso de drogas ilícitas, também foi muito enfático dizendo que não aceita em seu rancho tal prática. Ainda em consideração aos relacionamentos, não é tão comum o casamento de ciganos com não-ciganos, mas foi expressado por eles casos desse tipo de relação, mas vale salientar que não há relato de mulher cigana casada com homem não-cigano e a mulher não-cigana para se casar com um homem cigano deve se adequar a vida e moldes ciganos.

Pensávamos que a comunidade cigana seria unificada e com os mesmos padrões de convivência (todos vivendo em um único local), em contra partida descobrimos conversando com os Sousenses que a comunidade cigana é dividida, sendo estes nomeados como rancho de baixo e rancho de cima, cada um com seus líderes, os coronéis, numa tradição patriarcal passando a liderança de pai para filho de acordo com as suas condições, como por exemplo, pela idade avançada. Observamos assim que a figura de Coronel é seguida não somente com uma espécie de conselheiro, mas como o que está na comunidade para resolver tudo e tomar decisões sempre que lhe é solicitado.

Começamos então a entrevistar o coronel. Ele começou a nos falar um pouco de como é o viver cigano. Relata que é um viver de aventuras, ele já nasceu em um rancho, nos contou acerca da sua infância, o que difere e muito a realidade das crianças ciganas dos dias de hoje, pois a sua infância foi toda nômade, seus pais viajaram por todo o sertão paraibano, então era comum estarem em cidades diferentes por um ano. Hoje já alocados em Sousa por mais de trinta anos, as crianças ciganas dos ranchos não tem essa movimentação vivida por ele.

Por sua vez percebemos algumas características dos ciganos, os anciãos preservavam as cores fortes e estampas como, por exemplo, nas roupas das mulheres, como também os nomes de filhos iniciando com a mesma letra, nos traços dos rostos marcados pelo sol e pelas longas caminhadas da vida como cigano, não podendo deixar de esquecer os dentes de ouro (até então não havíamos descoberto o motivo de tal intenção), do olhar forte de guerreiro.

Num âmbito subtendido em nossas observações, percebemos que o chefe (coronel) reclamava da tecnologia reconhecendo-a como uma forma que afetou e prejudicou a cultura e os costumes dos ciganos em questão. Em sua fala sobre a comida da atualidade a descrevia como uma “comida envenenada” aquela que perde o seu aspecto natural de viver em intenso contato com o meio ambiente, mas o paradoxo observado foi que o mesmo que criticava por sua vez



desfrutava da tal tecnologia, com ar-condicionado, antena de tevê assinada em sua casa, refrigeradores para conservar carne e por vez foi surpreendido com nosso olhar em outra visita ao encontrá-lo bebendo cerveja e falando ao telefone fechando a negociação da compra de um carro, desfrutando do que anteriormente tinha nos passado como algo que deturpasse a sua cultura. Com essa afirmativa vem a nossa mente uma indagação: Como eles constroem um patrimônio que aparentemente não é perceptível, pelas condições aparentes, mas em contra ponto, vê-se ar condicionado, TV a cabo, automóveis, motocicletas, celulares de última geração?

No que diz respeito a forma de comercialização dos ciganos identificamos que de um Rancho para outro se dá em forma de troca. Já entre os ciganos e não ciganos, quando perguntado, coronel fala que tudo que os ciganos tem, na sua maioria, se dá por doações. Ele afirma que a comunidade não – cigana os apontam como “pedintes” e que possuem uma tradição de roubar bens alheios mas que na verdade afirma que “cigano não rouba, cigano troca ou vende” (Coronel, em entrevista).

Distribuídas em várias áreas da primeira comunidade visitada nos dividimos em dois grupos de duas pessoas cada, uma parte ficou conversando com o Coronel e sua família e a outra tentando se aproximar dos demais ciganos, ou seja, casas pela área, com isso percebemos uma certa recusa e discordância de alguns quando convidamos estes a ir falar conosco na casa do coronel para conversarmos todos juntos, se justificando que não tinham proximidade ou que coronel não gostava do referido cigano, demonstrando assim uma rivalidade interna que o coronel não havia nos passado. Outro fator foi a resistência do coronel em falar de assuntos específicos como por exemplo sobre o significado da bandeira cigana, das palavras de sua língua específica, dizendo ser uma forma de defesa, sentindo-se incomodado tratando logo de mudar de assunto. Neste momento percebemos de certo modo que o cigano tem resistência de mostrar tudo acerca da sua cultura, talvez como forma de defesa a um outro desconhecido.

Enfocando ainda mais o quanto a visão a respeito do cigano é restrita, deixando marcas em nós de que realmente não objetivamos investigar o quanto eles são diferentes de nós, nem muito menos criar uma concepção generalizadora, finita, acabada, objetivando assim mostrar o quanto são complexos em suas subjetividades de discursos, construindo uma problemática acerca do quanto a sociedade cai sobre



eles com um discurso. Em seu livro o coronel diz: “Para não perder o raciocínio da nossa história vários nomes surgiram como grandes cantores, excelentes artesões, lindas bailarinas e tantos outros talentos não puderam mostrar o seu trabalho para o mundo porque a sociedade pobre não aceitava que o Cigano tivesse direito nem pra comer, o que a sociedade queria era que o Cigano vivesse isolado de tudo” (FIGUEIREDO, 2012, pag. 38)

Em outro dia de visita em meio a conversa, perguntamos se o grupo de dança cigana que eles tem no rancho poderia se apresentar para nós, todas as mulheres olharam para o Coronel e ficaram caladas, aquilo nos chamou atenção e indagamos o porquê do silêncio, a esposa de coronel falou em voz baixa expressando aspectos de submissão “é com ele, só o coronel pode autorizar”. Não perdemos tempo e fomos perguntando como se dá a relação conjugal entre ciganos, e ele tratou de dizer que a submissão é um ponto forte deles, um homem cigano é o chefe do lar, a mulher não tem poder de decisão, ela é totalmente sujeita as ordens do marido.

Durante as conversas víamos as bocas deles, os mais velhos as bocas brilharem muito como se seus dentes fossem de ouro e prata fato que muito nos chamou atenção, não nos contivemos e perguntamos o porquê das suas bocas brilharem tanto; coronel tratou de mudar de assunto e começou outra conversa, deixando-nos na curiosidade. Só viemos receber alguma resposta desse fato no rancho de cima, onde o coronel do rancho de baixo nos explicou que no passado eles faziam suas comercializações e trocas, boa parte eram em ouro e prata com isso nas suas andanças nômades eles estavam expostos a possíveis roubo, portanto armazenavam todo o ouro e prata nos dentes.

O Coronel do Rancho de baixo, a todo tempo que era perguntado sobre algo demonstrou ao novo ver argumento com textos elaborados, respostas pensadas de maneira restringir uma dada informação. Ele falava em pontos positivos, passava a ideia de guetos organizados, total harmonia, mas compreendemos que aquelas falas não condiziam totalmente com a realidade. Em um determinado momento dessas nossas idas ao rancho, fomos conhecer o Centro de Desenvolvimento Integral Calon, centro esse que foi construído com o propósito de desenvolvimento integral das crianças, jovens e adultos daquela comunidade, mas segundo relato de coronel e como pudemos ver em loco, o prédio está em total abandono; depois da inauguração nunca mais o prédio foi usado, segundo ele ainda as verbas que o Governo Federal disponibilizou chega a casa de 360 mil reais,



valores esses que nunca foram repassados e nem investidos lá. Ainda na visita ao centro, em determinado momento um das ciganas se afasta um pouco de coronel e se aproxima de uma de nós e fala que não é bem assim como Coronel está falando, que tinha muita coisa que muitos deles no rancho não tem oportunidades e nem acesso. A conversa foi interrompida quando o Coronel se aproximou.

Já no segundo momento fomos visitar o Rancho de cima, observamos um discurso diferente do outro Rancho que nos contou a antiga vida de cigano no dia a dia andando por muitos lugares como fazendo parte de sua identidade afirmando que “aquele é um tempo bom, temos resgatar as origens do cigano”, neste víamos um discurso muito mais voltando para o hoje, valorizando todas as conquistas da identidade cigana, afirmando que o cigano já sofreu muito, não podia estudar, por exemplo, e hoje já tem algum espaço que merece ser conquistado a cada dia, valorizando o outro imensamente, demonstrando ser muito unidos e com um discurso mais aberto, com revoltas acerca do descaso político perante eles, da invisibilidade, ou seja, a todo momento pediam socorro a cada história, a cada palavra quanto ao seu jeito e a maneira de viver. Neste lugar havia também a presença de ciganos que liam a mão, mais uma forma da manifestação de sua cultura.

Relacionado à questão homo afetiva no Rancho de baixo afirma não aceitar essa prática, bem como o uso de drogas ilícitas; já para o Rancho de cima se por um acaso um cigano optar por uma relação homo afetiva tem que aceitar, porém até o momento deste trabalho não teria registros e quanto ao uso de drogas ilícitas, também foi muito enfático dizendo que não aceita em seu rancho tal prática. Ainda em consideração aos relacionamentos, não é tão comum o casamento de ciganos com não-ciganos, mas foi expressado por eles casos desse tipo de relação, mas vale salientar que não há relato de mulher cigana casada com homem não-cigano e a mulher não-cigana para se casar com um homem cigano deve se adequar a vida e moldes ciganos.

No que se refere a manifestação/prática religiosa parte dos ciganos da comunidade em estudo se denominam católicos, alguns outros evangélicos e dentro dos ranchos podemos dizer que há uma liberdade religiosa tendo uma tenda destinada a cultos diversos chamada por eles “Amigos dos Ciganos”. Acima de todas essas características visuais eles ao decorrer dos diálogos iam nos passando a tamanha injustiça que sofriam, da invisibilidade sofrida e de como eles realmente eram vistos pela sociedade, não



deixando de falar que existiam sim poucos ciganos que manchavam o seu nome, mas isto não era característica de cigano ser pedinte, sujo, ladrão e desonesto demonstrando em sua fala “cigano é fiel”. Falando sempre do pensamento dos não ciganos (Jurins) que não vão de acordo com esta afirmativa.

Escutamos muitas vezes que na cidade de Sousa a comunidade cigana como um todo, por possuir um número considerável de pessoas, por vezes são responsáveis pelas decisões de governantes nas eleições que acontecem, por vezes recebem visitas e apoio destes por quem possuem um amor e uma amizade enorme, demonstrando apreço e valor afetivo. Mas aos poucos percebemos que durante as outras visitas eles iam contando discretamente através das nossas perguntas a respeito dos incentivos políticos; relatam também que não possuem espaço político, por exemplo, por acharem que na cabeça destes passa que se um cigano ganhar as eleições não fará nada em governo, fruto do pensamento mais uma vez limitante de que o cigano em si já é acomodado e preguiçoso por vida, sendo incapaz de agir em busca de melhorias que segundo eles “alguns políticos não nos ajudam”, representando os por menores que verdadeiramente só recebem incentivos quando há interesse em tempo político, posteriormente a isso fecham os olhos para a comunidade, deixando em completo descaso.

CONCLUSÃO

Ao se construir uma história nacional, passando-se pelos povos ou “tipos” raciais, os ciganos permaneceram sem nenhum espaço significativo, e um bom exemplo são os livros didáticos, que apresentam a contribuição dos diferentes grupos étnicos que se encontram no Brasil, representados como se fossem sistemas autóctones. Contudo, dificilmente encontramos referências aos ciganos, e quando os mesmos aparecem numa literatura mais ampla, são os estereótipos que os envolve que vai prevalecer. A esse respeito vale a pena mencionar o relato feito a nós pela filha do Coronel do Rancho de baixo que um certo dia a caminho de Sousa escutou duas mulheres conversando e chamando os ciganos de sujos, pedinte e desarruados, por sua vez ela as chamou e indagou: “Eu estou te pedindo algo? Eu estou suja? Eu estou desarrumada? em seguida disse que gostaria que as mesmas fossem visitar a sua comunidade antes de falar qualquer coisa sobre.

A frase “não feche os olhos para mim” estampada na camisa de uma criança cigana para nós funcionou como uma espécie de gatilho reflexivo ao ponto que paramos para pensar o quanto os ciganos não são povos desconhecidos para



sociedade, eles estão presentes sempre em algumas histórias que nos é contada quando criança, “a cigana vai vir te pegar”, presentes na imagem do comércio, da rodoviária, da beira da estrada, da margem apesar que de forma marginalizada, estando presentes numa imagem exótica, de mulheres sensuais, porém, de caráter duvidoso, de homens corajosos, porém, sem piedade, “arruaceiro”, envolvidos em atividades ilegais. (MEDEIROS, 2014)

Portanto este diário de campo teve para nós um significado exponencial, pois nos trouxe uma reflexão acerca da condição humana em diferentes esferas do viver social em destaque a nossa experiência com os ciganos, pessoas, seres humanos como nós, mas que vivem a margem das esferas sociais, desprovidos de olhares de cuidado, de inclusão e porque não de dignidade, respeito e liberdade, demonstrando o quanto como futuras profissionais podemos exercer um olhar, aproximação e relação horizontalizada junto aos sujeitos, se inserindo junto a eles não somente como meros observadores mas indo em busca de seus direitos, perante a comunidade e aos órgãos públicos.

Por fim, reconhecemos as limitações do presente estudo etnográfico, funcionando assim como um recorte de uma realidade que perpassou a partir das nossas percepções e problematizações. Deste modo considera-se que tal trabalho pode se caracterizar como um ensaio do que metodologicamente poderia se chamar de Etnografia tanto pelo curto tempo a campo, como pelas diversas possibilidades a surgir, nesse sentido sugere-se que outros estudos sejam realizados nessa direção.



REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro, Forense universitária, 2007.

BARTH, Fredrik. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. In: POUTIGNAT & STERIFFFENART. Teorias da Etnicidade. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Trad. De Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1988.

CAVEDON, N. R. (1999) **O método etnográfico em estudos sobre a cultura organizacional; implicações positivas e negativas**. Disponível em <
http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad_1999/ORG/1999_ORG8.pdf>.
Acesso em 23 jan 2015.

CUNHA, Jamilly Rodrigues. **Sendo Cigano e estando em Sousa: discutindo os modos de ser após 30 anos de “parada”**. Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2013.

FIGUEIREDO, Francisco. **Calon-História e cultura cigana**. João Pessoa, 2012

FONSECA, Isabel. **Enterre-me em pé: os ciganos e sua jornada**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1977.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 4. Ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.



COPRECIS
CONGRESSO NACIONAL DE
PRÁTICAS EDUCATIVAS

LAPASSADE, G. (2001). L' observation participante. **Revista Europeia de Etnografia da Educação. 1.** pp. 9 – 26.